

## PARASHA VAYECHI

Janeiro/17

Estamos encerrando essa semana o livro Bereshit, o livro de Gênesis, com sua última parashá, denominada Vayechi, que literalmente significa “e viveu”, relatando justamente sobre o período de 17 anos em que Yaakov viveu no Egito. Portanto, a parashá se inicia com o relato da morte de Yaakov e termina com a morte de seu filho Yossef.

Antes de morrer, Yaakov chama seus filhos e traça um perfil de cada um e dita o que espera deles, para então abençoá-los. Essas características dos filhos, descritas por Yaakov, delineam muito da personalidade de nosso povo, já que de parte desses filhos e de dois netos, filhos de Yossef, também abençoados pelo avô, se formaram as 12 tribos de Israel, das quais se originou todo povo judeu.

Yossef, nessa parashá, perdoa seus irmãos, que temiam que ele finalmente buscasse vingança por ter sido vendido por eles ao Faraó como escravo. E os perdoa, dizendo a eles algo que merece nossa reflexão: “Vocês podem ter pensado em fazer-me o mal, mas o Criador o fez resultar no bem”. A reflexão que a meu ver se faz necessária caminha na direção da capacidade de perdoar. Ser capaz de perdoar significa uma libertação não só para os irmãos, mas, sobretudo, para ele próprio. Justamente o tema liberdade guiou minha reflexão sobre essa parashá.

Um aspecto, dentre os muitos que podem ser destacados da porção dessa semana, e no qual irei me deter, é o fato de Yaakov não ter revelado o que estaria por acontecer nos dias vindouros. Segundo Rashi, “Yaakov desejou revelar o que aconteceria no futuro, mas a presença divina foi removida dele”. Ele tentou prever o futuro, mas descobriu que não podia.

Segundo argumento desenvolvido pelo Rabino J. Sacks, essa termina por ser uma característica fundamental da espiritualidade judaica. Acreditamos que não podemos prever o futuro porque nós **fazemos** o futuro, com as nossas escolhas. O futuro é aberto, não há um script de nossas vidas previamente redigido.

Podemos pensar num contraponto interessante entre o antigo Israel e a Grécia Antiga. Os gregos acreditavam no destino e uma história exemplar dessa crença é a história de Édipo. Quando o oráculo revelou a Laio que ele teria um filho que o mataria, ele planejou matá-lo logo ao nascer. Acontece que ele foi salvo e o que estava predito de fato aconteceu. Cada ato projetado para evitá-lo realmente ajudou a trazer o tal “destino”, uma vez que se acreditou nele como selado. Essa é a ideia grega de Tragédia.

Já o hebraico bíblico não tem essa palavra, apesar dos muitos séculos de sofrimento. Uma tragédia é um drama com um triste resultado, envolvendo um herói que será destruído pela força do destino. O judaísmo não tem palavra para isso, porque não acreditamos no destino como algo cego, inevitável e inexorável. Somos livres, podemos escolher.

Raramente isso é mais fortemente afirmado do que na oração Unetaneh Tokef, dita em Rosh Hashana e em Yom Kipur. Mesmo depois de dizermos que “Em RH é escrito e em YK é selado... quem viverá e quem morrerá”, nós continuamos e dizemos: “mas, teshuvá, tefilá e tzedacá evitam o mal do decreto”. Não há nenhuma sentença contra a qual não possamos apelar, nenhum veredicto que não possamos suavizar ao mostrar que nos arrependemos e mudamos.

Há, portanto, uma diferença fundamental entre uma profecia e uma predição. Se uma predição se torna verdade, ela conseguiu. Se uma profecia se torna verdadeira, ela falhou. Um profeta não oferece uma previsão, mas um aviso. Ele não se limita a dizer: “isso vai acontecer”, mas sim, “isso vai acontecer se você não mudar”. O profeta fala à liberdade humana, não à inevitabilidade do destino.

Podemos avançar muito em conhecimento, mas permanece algo que não sabemos e nunca saberemos: o que o amanhã nos trará. Essa é a diferença essencial entre a natureza e a natureza humana: não somos capazes de prever o que as pessoas farão, enquanto já sabemos há muitos séculos sobre, por exemplo, o movimento dos planetas ou, mais tarde, a previsão do tempo.

A razão é que somos livres. Nós escolhemos, cometemos erros, aprendemos, mudamos, crescemos. O fracassado da escola se torna vencedor de um prêmio Nobel. Alguém fraco subitamente mostra coragem e sabedoria numa crise. E por aí vai... Desafiamos constantemente as previsões. É a liberdade que nos torna humanos. E mais uma vez isso é confirmando pelas sábias lições que extraímos do Judaísmo. Já comentei em outro momento, a propósito de outra parashá, sobre o livre arbítrio a nós concedido por Ds. Nós que estabelecemos as diretrizes das nossas vidas. Somos livres porque Ds é livre e Ele nos fez à Sua imagem. E, uma vez livres, uma vez responsáveis: somos responsáveis por nossas escolhas.

Somos livres justamente por sermos sujeitos. Temos mentes, não apenas cérebros. Mentes compostas por pensamentos e sentimentos, que nos direcionam (cabe ressaltar, para todas as direções, para o bem e para o mal, cabendo a nós decidir, mesmo que sejam por escolhas movidas por nossa “porção” inconsciente).

Quando Moshé, na sarça ardente, pediu a Ds Seu nome, este respondeu: “Ihié asher ihié”, que significa não apenas “eu sou o que sou”, mas “Eu serei quem e

como eu escolher ser”. Eu sou o Ds da liberdade. E é importante notar que isso é dito no início da missão de Moshé em levar o povo da escravidão à liberdade. Ele queria que o povo israelita se tornasse um testemunho vivo do poder da liberdade.

Portanto, não acreditemos que o futuro está escrito. Não há destino que não possamos mudar, ou predição que não possamos desafiar. Não estamos predestinados a falhar ou pré-ordenados a ter sucesso. Nós não prevemos o futuro, porque nós fazemos o futuro: por nossas escolhas, nossa força de vontade, nossa persistência e nossa determinação em sobreviver.

A prova disso é o próprio povo judeu. Anulado muitas vezes por seus inimigos, permanece, após quase 4 milênios, ainda jovem e forte. Feitos à imagem de Ds, somos livres. Sustentados pelas bênçãos de Ds – e aí entra a fé, quando a vida nos traz o imponderável, o que não prevemos – podemos ser maiores do que qualquer um, mesmo do que nós mesmos, poderíamos prever.

Shabat Shalom!